

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-30-6

DOI 10.22533/at.ed.306201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica)

Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE NA ESCOLA: O MUNICÍPIO DE ITAPETINGA - BA EM DISCUSSÃO	
Murilo Marques Scaldaferrri Jamine Barros Oliveira Araújo Gabriela Sousa Rêgo Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.3062013021	
CAPÍTULO 2	9
POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO ESTADO DO AMAZONAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE REGIONAL	
Izoni de Souza Trindade Rosimeri da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.3062013022	
CAPÍTULO 3	20
PRÁTICA EDUCATIVA NO AEE: ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Thalia Costa Medeiros Najra Danny Pereira Lima Mayanny da Silva Lima Gilma Sannyelle Silva Rocha Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva Maria Camila da Silva Mychelle Maria Santos de Oliveira Telma de Jesus Lima Sá Nascimento Mariangela Santana Guimarães Santos Maria Helena Rodrigues Bezerra Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha Ana Paula Carvalho de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.3062013023	
CAPÍTULO 4	34
PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	
Heronita Maria Dantas de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.3062013024	
CAPÍTULO 5	45
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Cleres Carvalho do Nascimento Silva Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3062013025	

CAPÍTULO 6	54
PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA: MOVIMENTOS DE INVENÇÃO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO E PESQUISAS OUTRAS	
Ana Cláudia Barin Angélica Neuscharank Vivien Kelling Cardonetti	
DOI 10.22533/at.ed.3062013026	
CAPÍTULO 7	69
PROFESSORA OU TIA? IMPRESSÕES DE PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BLUMENAU/SC	
Jessica Rautenberg Júlia Graciela de Souza Antonio José Müller	
DOI 10.22533/at.ed.3062013027	
CAPÍTULO 8	75
PROJETO PEDAGÓGICO CULTURAL: O CARÁTER <i>SUI GENERIS</i> DE UMA ESCOLA RESIDÊNCIA INOVADORA	
Mateus Geraldo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.3062013028	
CAPÍTULO 9	95
A PROPOSTA DE REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O PRISMA DOS ESTÁGIOS MORAIS DE LAWRENCE KOHLBERG	
Vágner Silva da Cunha Silvana Maria Gritti	
DOI 10.22533/at.ed.3062013029	
CAPÍTULO 10	105
RECONHECENDO AS DIFERENÇAS E CRIANDO POSSIBILIDADES: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Maria Rosilene de Sena Rosélia Neres de Sena Marques Italo Rômulo Costa Da Silva Ariane Siqueira Marques Melo Tatielli Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30620130210	
CAPÍTULO 11	113
RECURSOS, ANALOGIAS E ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DO ÁTOMO QUÂNTICO NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ENCORAJAMENTO	
Danilo Cardozo Flôres Kamilla Rodrigues Rogerio	
DOI 10.22533/at.ed.30620130211	
CAPÍTULO 12	129
REDES E MÍDIAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE USO POR DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR	
Wilsa Maria Ramos	

Ravena Nóbrega Bufolo
Maria Julia Bueno Spohr
Lisa Ferreira de Miranda
Lucas Santos Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130212

CAPÍTULO 13 143

REFLEXÕES NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ANDREIA INES DILLENBURG
Aruna Noal Correa
Felipe Pedrozo Maia
Gabriel Marchesan
Mauricio Pase Quatrin
Vanderlan Dupont de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130213

CAPÍTULO 14 158

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariana Lucas Mendes
Regiane Aparecida da Silva
Cristiane Maria Ribeiro
Cinthia Maria Felício

DOI 10.22533/at.ed.30620130214

CAPÍTULO 15 167

REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE TUTORIA PARA POTENCIALIZAR AS AÇÕES DE APRENDIZAGEM EM AMBIENTES VIRTUAIS

Tereza Cristina Mendes Vieira
Grace Fernanda S Nunes

DOI 10.22533/at.ed.30620130215

CAPÍTULO 16 178

RELAÇÕES ENTRE CURRÍCULO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DOS VALORES

Bianca Silva Martins
Denize Amorim Azevedo Mendes
Josely Ferreira Ribeiro
Vanessa Serafim da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30620130216

CAPÍTULO 17 187

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: BREVE INCURSÃO SOBRE A LEI Nº 10.639/2003 E SEUS DESDOBRAMENTOS NOS DISCURSOS DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Taylon Silva Chaves
Raquel Amorim dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30620130217

CAPÍTULO 18	194
EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO: UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Fernando Sabchuk Moreira	
Valquiria Nicola Bandeira	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Andreza de Souza Fernandes	
Marilurdes Cruz Borges	
Melissa Camilo	
Monica Soares	
Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.30620130218	
CAPÍTULO 19	216
REVISITANDO A POSSIBILIDADE DE ADOÇÃO POR CASAIS HOMOSSEXUAIS: ASPECTOS CONSTITUCIONAIS E CIVIS DA PATERNIDADE HOMOPARENTAL	
Jacson Gross	
DOI 10.22533/at.ed.30620130219	
CAPÍTULO 20	226
SALA VERDE: ESPAÇO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Iomar Maria Salina da Costa	
Leonardo Villela de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.30620130220	
CAPÍTULO 21	239
SER JOVEM E VIVER A JUVENTUDE NO CAMPO: DIÁLOGOS INSURGENTES	
Delson Miranda Santos	
Jurandir de Almeida Araújo	
Deyse Luciano de Jesus Santos	
DOI 10.22533/at.ed.30620130221	
CAPÍTULO 22	253
SIMULAÇÕES COMPUTACIONAIS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE FÍSICA	
Cristiane Gomes Guimarães	
Suellen Cristina Moraes Marques	
Renan Júnio Miranda	
Gislayne Elisana Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.30620130222	
CAPÍTULO 23	263
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA	
Eder Alonso Castro	
DOI 10.22533/at.ed.30620130223	

CAPÍTULO 24	273
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ANÁLISE DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA	
Carlos Erick Brito de Sousa Dionísia Fernanda Paixão Santos	
DOI 10.22533/at.ed.30620130224	
CAPÍTULO 25	286
UM OLHAR ACERCA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) SOBRE O VIÉS DA EDUCAÇÃO	
Eliana Thomas Lima Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza Lucas Capita Quarto José Fernandes Vilas Netto Tiradentes Fábio Luiz Fully Teixeira Fernanda Castro Manhães	
DOI 10.22533/at.ed.30620130225	
CAPÍTULO 26	293
A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NA ESCOLA: UMA QUESTÃO VOLTADA PARA MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM AOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PATOS-PB	
Maria Helena de Lima Gomes e Martins Luciano de Brito Junior Maria das Graças Veloso Marinho de Almeida Veneziano Guedes de Sousa Rêgo	
DOI 10.22533/at.ed.30620130226	
CAPÍTULO 27	304
UMA VISÃO SOBRE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM CURSOS DE MÚSICA	
Obadias de Oliveira Cunha Helena de Souza Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.30620130227	
CAPÍTULO 28	313
UTILIZAÇÃO DE UM OBSERVATÓRIO SOCIAL COMO FERRAMENTA DE APOIO PEDAGÓGICO E CANAL DE COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE EM CURSOS TÉCNICOS E TECNOLÓGICOS DE INFORMÁTICA	
Laurentino Augusto Dantas André Carvalho Baida	
DOI 10.22533/at.ed.30620130228	
CAPÍTULO 29	324
VAMOS APRENDER A LER? DISCUTINDO ALGUNS ASPECTOS DO PROCESSO LINGUÍSTICO QUE ENVOLVE A APRENDIZAGEM DA ESCRITA	
Milena Beatriz Vicente Valentim	
DOI 10.22533/at.ed.30620130229	
SOBRE A ORGANIZADORA	338
ÍNDICE REMISSIVO	339

SER JOVEM E VIVER A JUVENTUDE NO CAMPO: DIÁLOGOS INSURGENTES

Data de aceite: 31/01/2020

Delson Miranda Santos

Mestrando em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Educação da Emil Brunner World University (EBWU). Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física, pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia. [HTTP://lattes.cnpq.br/2219035750791144](http://lattes.cnpq.br/2219035750791144)

Jurandir de Almeida Araújo

Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Políticas e Gestão da Educação e da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) pela Justiça Social (Abrapps). Professor do curso de Pedagogia da Fundação Visconde de Cairu (FVC) e do curso de Pedagogia EAD/UNEB. [HTTP://lattes.cnpq.br/0812510214840042](http://lattes.cnpq.br/0812510214840042)

Deyse Luciano de Jesus Santos

Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, Salvador. Professora da Rede Estadual da Bahia, da Faculdade Maurício de Nassau. [HTTP://lattes.cnpq.br/9534165939509903](http://lattes.cnpq.br/9534165939509903)

que envolvem os modos de vida dos jovens que vivem no campo. Assim, este artigo tem como objetivo tecer uma análise crítica reflexiva acerca de como é a vida no campo para os jovens que nele vive. Ancorado na pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida com jovens estudantes de uma escola da zona rural do município de Feira de Santana/Ba. Grosso modo, o estudo revelou que...

Palavras-chave: Juventude. Campo. Relações sociais.

BE YOUNG AND LIVE YOUTH IN THE FIELD: INSURGENT DIALOGUES

ABSTRACT: There are still few studies that focus on the cultural aspects that involve the lifestyle of young people living in the countryside. Thus, this article aims to weave a reflective critical analysis of what life is like in the countryside for the young people living in it. Anchored in the research of qualitative approach developed with young students from a rural school in the municipality of Feira de Santana / Ba. Roughly speaking, the study revealed that ...

KEYWORDS: Youth. Field. Social relationships.

RESUMO: Ainda são poucos os estudos que têm como foco central os aspectos culturais

Falar em identidade e saberes na roça é compreender um tempo de mudanças no qual o moderno pode conviver com o tradicional, uma realidade que permite que diferentes temporalidades ocupem o mesmo espaço e possam ser vivenciadas concomitantemente pelos sujeitos.

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Os estudos sobre juventude por muito tempo enfocava apenas os jovens urbanos, da mesma forma as políticas públicas voltadas para esse segmento da sociedade. Com isso, os jovens do campo permaneciam invisíveis no campo da pesquisa acadêmica e das políticas públicas para a juventude. Jovens esses que diante da invisibilidade e, principalmente, da baixa expectativa de terem melhores condições de vida são impulsionados a migrarem para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de sobrevivência, acreditando que na cidade as oportunidades serão maiores e melhores. Conforme os estudos de Oliveira, Rabello e Feliciano (2014, p. 147) “[...] de um total de 8,2 milhões de jovens rurais, 2,3 milhões vivem em situação de miséria, com renda mensal de 70 reais ou menos.” Uma realidade que não tem se modificado.

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2015), a maior parte da população brasileira, 84,72%, está concentrada em áreas urbanas, apenas 15,28% vive em áreas rurais. A Região Sudeste é a que apresenta o maior percentual de pessoas vivendo na zona urbana, 93,14%, e a Região Nordeste a que apresenta o maior número de pessoas vivendo na zona rural, 26,88%. Em relação à população jovem, em 2017, a estimativa do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE) era que existiam, no Brasil, 48,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de idade, e que desse total 21,7% não estava estudando nem trabalhando. Segundo os estudos de Teixeira e Bastos (2019), 84,8% da população jovem brasileira se concentra na cidade e 15,2% na zona rural. Ainda de acordo com o referido autor, de cada cinco jovens que vivem em áreas urbanas um passou parte da infância no campo e depois se mudou para a cidade.

Os jovens que vivem no campo, em sua maioria, são pertencentes a famílias de lavradores de baixa renda. Famílias as quais os pais, geralmente, não são alfabetizados. Muitos deles trabalham na lavoura para ajudar no sustento da família, tendo que dividir o tempo entre os estudos e o trabalho na roça; outros trabalham em casa, ajudando nos afazeres domésticos; tem ainda aqueles que moram na zona rural e trabalham na cidade, indo e vindo todos os dias. A esse respeito, Martins (2007) observa que “o fruto do trabalho que o jovem produz é repartido para a reprodução familiar, sobrando a ele às vezes apenas a parte que garante suas formas de lazer.” Existe também uma pequena minoria, que são filhos de famílias abastardas, isto é, filhos de fazendeiros ou de empresários do agronegócio.

Portanto, como nos chama a atenção Martins (2007, p. 253):

Mais do que perceber os jovens do campo, é preciso perceber que aí também existem juventudes: jovens sem-terra, jovens indígenas, jovens filhos de pequenos agricultores, jovens mulheres, jovens homens etc. Mas considera-se, principalmente a necessidade de perceber que esses jovens na sua grande maioria são jovens da classe trabalhadora.

Jovens que, às vezes, convivem e dividem os mesmos espaços, interagindo, convergindo e divergindo entre si, aprendendo e ensinando uns aos outros, encontrando-se e se desencontrando diante das suas concepções de mundos. Num tempo espaço em que o moderno e o tradicional fazem parte da vida cotidiana desses jovens. Como pontua Rios (2011), permitindo que diferentes temporalidades ocupem o mesmo espaço e sejam vivenciadas ao mesmo tempo por eles. Engana-se quem pensa que os jovens do campo vivem em um tempo e realidade distante dos jovens da cidade, desconectado do mundo digital.

Contudo, verifica-se que, mesmo vivendo na era da informação e comunicação mediatizada pelos aparatos tecnológicos, as relações sociais entre os jovens do campo, a depender da condição econômica e ou da localização geográfica em que estão inseridos, acaba que, por vezes, limitadas. O fato de muitos estarem conectados com o mundo digital, que lhes proporciona acesso a espaços diversos, interagir com várias pessoas, quase sempre, essas experiências se resumem ao mundo virtual, visto que são poucas as oportunidades de sair da localidade onde mora. O uso de aparatos tecnológicos como celulares, notebooks, smartphones e tablets, é comum no meio rural, no entanto, a dificuldade maior em relação à inclusão digital, provavelmente, seja a condição econômica e o fato de que os sinais das operadoras de telefonia, em muitas localidades, não são frequentes.

Para Barcellos (2017, p. 151):

[...] a questão da juventude no contexto rural brasileiro historicamente perpassa a vivência de aspectos como a restrição de acesso a bens e serviços em um espaço socialmente desigual, tensionado de forma geral por questões como a expansão das monoculturas vinculadas ao agronegócio, ao êxodo rural e a concentração fundiária.

Dito isto, e a partir da compreensão de que vivemos concatenados com diversas juventudes, cada uma com seus padrões, especificidades, com seus modos de ser e de agir, seus medos e suas crenças, nos questionamos: quem são mesmo os jovens do campo? O que pensam? O que fazem? Como é a vida do jovem no campo? Esse conjunto de questionamentos nos direcionou no desenvolvimento deste estudo que tem como objetivo tecer uma análise crítica reflexiva acerca de como é a vida no campo para os jovens que nele vive.

Trata-se de um recorte de uma pesquisa em andamento que aborda educação do e no campo a partir das expectativas dos estudantes de uma escola da zona rural

do município de Feira de Santana/Ba. Metodologicamente ancorada na pesquisa de campo de abordagem social qualitativa, uma vez que tem o ambiente natural onde a problemática acontece como fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador como principal agente (MINAYO, 2012). Ressaltando que os dados aqui apresentados são resultados das observações, conversas informais e de uma roda de conversa onde discutimos com os estudantes, da escola pesquisada, sobre como é viver e ser jovem no campo.

É importante observar que buscamos cumprir com as exigências do Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (SISNEP) e com o que está posto na Resolução 196/96 que orienta que pesquisa com menores de idade se deve “cumprir as exigências do consentimento esclarecido, através dos representantes legais”. Assim, foram tomados todos os cuidados éticos para preservar a identidade dos estudantes, identificando-os com nomes fictícios, e autorizações dos pais/responsáveis que ciente do que se trata o estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) autorizando a participação do menor na pesquisa.

A vida no campo

Quando falamos da vida no campo nos vem logo à mente a imagem bucólica que as pessoas a partir do senso comum costumam fazer: as grandes caminhadas, andar a cavalo, desenvolver trabalhos braçais, se movimentar o tempo todo com atividades que “garantem as pessoas do campo uma melhor forma física”. Assim, na visão da sociedade urbana a vida no campo é caracterizada pelo contato com a natureza, pela liberdade, pelo ar puro, pelo viver harmonioso, que embora diferente da vida na cidade, a vida no campo ocorre de forma dinâmica, conectada com os avanços tecnológicos, mas, mantendo a visão de uma sociedade tradicional.

Quando são pensados tais avanços, uma discussão importante se dá a partir da chegada do agronegócio e das tecnologias digitais no campo, que alteraram de maneira significativa a rotina dos sujeitos. Nesse aspecto, quando nos deparamos com os dados da pesquisa, segundo nos relata um aluno, “a vida aqui já foi muito boa! Infelizmente temos os problemas chegando. A zona rural está se urbanizando, na alimentação, nas estradas, nas casas. Cada vez mais está perdendo as árvores e se tornando cidade.” (CÁTIA, 16 anos, roda de conversa, 2019). Ou seja, na visão de nossa colaboradora da pesquisa, o desenvolvimento é necessário, mas com ele vêm os problemas e as pessoas começam a relatar os desconfortos daí decorrentes.

A pesquisa nos apontou que nos dias atuais, grande parte da população do campo não vive mais da lavoura, a própria condição climática também vem afastando os sujeitos do campo da lida com a terra, se ocupando com o trabalho em pequenos

comércios instalados nos lugarejos, em escolas, postos de saúde. Alguns vão para os grandes centros urbanos em busca de independência financeira e melhores condições de vida. Atividades estas que os aproximam um pouco da dinâmica da vida urbana.

Assim as principais mudanças no cotidiano da vida do campo, se dá sobretudo, no que diz respeito à alimentação. O acesso a produtos saudáveis, plantados e colhidos nas próprias casas, sem o uso de agrotóxicos, tem sido substituído pelos alimentos quimicamente modificados. Os enlatados, as comidas prontas, os produtos industrializados, hoje fazem parte da comida servida nas mesas dos moradores da zona rural. As relações do campo, na lida com a terra, também passaram por transformações significativas, mas, nossos interlocutores relatam que ainda é possível verificar alguns antigos costumes.

A esse respeito, nossos interlocutores relatam que:

Hoje a vida na zona rural ainda mantém os padrões antigos de lavrar a terra, mas com os benefícios chegados como o transporte, educação, tecnologia, mesmo não sendo tão bom, facilitou a permanência no local. Hoje já trabalho, estudo e tenho moradia, sou beneficiada como outra pessoa da zona urbana. (JOANA, 17 anos, roda de conversa, 2019)

Muitas pessoas convivem com essa realidade de buscar seus sustentos através do plantio, e a utilização de maquinários em suas atividades, o conhecimento de novas técnicas agrícolas, assim como o uso de veículos motorizados para fazer o transporte pessoal, do material de trabalho e dos produtos produzidos, vem contribuindo para melhoria da lida no campo, que em alguns casos serve como motivação para suas permanências no campo. Outro fator significativo para suas vidas têm sido as novas oportunidades de trabalho que surgem no meio rural, fator este, que como evidencia a aluna acima, que os beneficiam como aos cidadãos urbanos.

Mas, apesar disso, hoje os jovens do campo buscam, para além das atividades na lavoura, outras atividades que lhes deem mais renda e que assim possam garantir seu sustento, diversão, estudo e a oportunidade de ir para as grandes metrópoles. E, assim, aquela rotina natural e dinâmica se consolida num outro mundo de compensações e equiparações devido à falta de atividades ou até mesmo o excesso que podem ocasionar em doenças, stress, consumismo, entre outras causas. Na concepção dos jovens interlocutores da pesquisa:

A vida no campo é boa, porém penso em trabalhar e não queria trabalhar na roça, fico sem opção, talvez tenha que ir para cidade. (MARCIA, 18 anos, roda de conversa, 2019)

Eu não quero continuar morando na zona rural, só quero vir nos finais de semana e aproveitar tudo que tem de bom aqui. (RUI, 15 anos, roda de conversa, 2019)

[...] minha vida é estudar, cuidar dos meus irmãos, plantar, colher, criar animais, fazer tudo que aprendi com meus pais. (JORGE, 19 anos, roda de conversa, 2019)

Como podemos perceber as possibilidades de inserção no mercado de trabalho na zona rural, ainda são poucas, e, muitos acabam vivendo da lida com a terra. A esse respeito, Oliveira, Rabello e Feliciano (2014, p. 147) observam que:

A questão não está no fato de sair ou ficar, mas os motivos que os levam sair ou ficar, pois, a luta pela terra é uma das bandeiras, estes jovens são sujeitos que podem lutar pela transformação social, desde que a comunidade onde se inserem ofereça base e formação social e política.

Nesse contexto, a escola que poderia ser um espaço de formação dos jovens do campo para permanecerem no campo, ao contrário parece formar para a saída destes do campo. Como enfatiza uma aluna, “o ensino aqui é muito básico, somos privados de várias coisas.” (MORENA, 16 anos, roda de conversa, 2019). O educando carece de novos saberes que lhes ajudem a dar continuidade em seu processo de desenvolvimento bem como que lhes sirvam de alicerces para a vida cotidiana. Desta forma, os conteúdos trabalhados na escola precisam ser interessantes e significativos para o corpo discente.

Infelizmente a educação no campo ainda vem sendo oferecida em condições precárias em diversos lugares, em alguns até mesmo não existe. O que requer das pessoas que tem interesse em estudar e, não estão nas cedes dos lugarejos, que se desloquem por caminhos, muitas vezes de difícil acesso, até que cheguem a lugares que lhes oportunizem melhores condições de chegar à escola. Isso também vem contribuindo para a mudança na vida na zona rural e o abandono do lugar. Como nos revela um aluno, “é muito chato com um certo tempo ter que ir para a zona urbana estudar.” (MARIO, 16 anos, roda de conversa, 2019). Ou seja, os alunos que querem dar continuidade aos estudos, ao concluírem os anos iniciais do ensino fundamental, precisam sair para a cidade, visto que na maioria dos distritos as escolas só ofertam até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Destarte, o grande problema enfrentado por esses jovens, além da distância entre a sua casa e a escola, se dá na adaptação a essa nova realidade. Há uma distância cultural perceptível entre os jovens do campo e da cidade, onde os primeiros, dependendo da situação sofrem preconceito e bullying, e, na maioria das vezes são situações naturalizadas que uma vez não assimiladas pelos alunos do campo, podem contribuir para a evasão escolar.

Um dos fatores apontados pelos alunos colaboradores da pesquisa, se dá ao problema enfrentado no campo da saúde, que também é outro fator de desestímulo pela vida no campo. A falta de atendimentos médicos e a não existência de profissionais que possa garantir este atendimento com freqüência, se tornando

assim, um estímulo para a busca de melhores condições de vida em outros lugares. Segundo relatam, ao terem necessidade de cuidados com a saúde:

Não tem disponibilidade de farmácia, hospital e restaurantes. (CLAUDIA, 15 anos, roda de conversa, 2019)

Quando tem necessidade de comprar coisas e remédios tem que ir para lugar longe. (KAREN, 15 anos, roda de conversa, 2019)

No entanto, mesmo com todos os percalços, os alunos apontaram que ainda se vive uma vida mais tranquila no campo, onde eles apostam que as relações ainda são amistosas. A esse respeito, os jovens nos relatam que em se tratando do espaço em que convivem:

É muito bom ter alguém para conversar e se distrair quando não tenho nada pra fazer em casa. (NATI, 15 anos, roda de conversa, 2019)

A vida é boa, estou mais próximo das pessoas e posso ajudar a quem tem necessidade. (ROBSON, 15 anos, roda de conversa, 2019)

A vida aqui no distrito é boa porque é bem sossegada, Deus me livre de ir para a cidade morar. (CÁTIA, 16 anos, roda de conversa, 2019)

Fica evidente nas falas acima que o respeito, a consideração e a gentileza entre as pessoas ainda são características presente e marcante na vida no campo. No entanto, é preciso ressaltar que estamos tratando de um espaço e tempo específico a uma comunidade rural, onde os mesmos interagem de modo significativo na maioria das vezes no ambiente escolar.

Os dados revelam ainda a necessidade de compartilhar do ser humano, pois não se vive sozinho e em algum momento, por algum motivo se faz necessário a relação do eu com o outro e com o meio que os cercam. Contudo, mesmo conscientes dos benefícios e importância da natureza para a vida e da necessidade de preservação, o desmatamento, a ambição, o agronegócio, os avanços tecnológicos chegam à zona rural e aqueles momentos aproveitados sem stress e agonias são trocados pela correria, agitação, à hora marcada e assim as intempéries, sonhos, conquistas e infortúnios da vida modernizada da zona urbana passam a descaracterizar e integrar-se à vida rural.

No atual momento, o agronegócio tem sido um grande demarcador capitalista dentro da zona rural, a sua inserção juntamente com a tecnologia está cada vez maior nos espaços, retirando os indivíduos do trabalho com a terra transformando-os em trabalhadores que venham a atender às necessidades funcionais das empresas. Os grandes empresários não estão preocupados com as necessidades dos indivíduos, esses ainda são vistos como mão de obra barata e de fácil manipulação, se não

conseguem atender aos desejos e objetivos do mundo capitalista, são excluídos do processo. Como observa Neto (2015, p. 25) precisamos observar a influência do agronegócio no campo:

No projeto político, social e econômico do agronegócio, encontram-se as grandes monoculturas, as grandes extensões de terra, o uso intensivo da tecnologia e do agrotóxico, os transgênicos, as culturas para exportação, a concentração de terra, o trabalho assalariado e o desemprego e o desrespeito ao meio ambiente. Porém, conta com o apoio da grande mídia, de muitos intelectuais, de políticos e de governos conservadores e são, muitas vezes, apresentados como sinônimo de "eficiência e de produtividade". Por outro, lado no projeto camponês, trabalhadores lutam por terra, produzem alimentos diversificados para o consumo interno e vivem, muitas vezes, um mundo de carências. São considerados pelos defensores do agronegócio como ineficientes para os padrões de produto capitalista.

São essas possibilidades de vida que estão chegando aos jovens do campo. As oportunidades de emprego lhes são dadas, transformam-lhes em trabalhadores operacionais, com o objetivo de atenderem as demandas das fábricas, treinando-os para o manuseio das máquinas, aproveitando o contingente desempregado, ampliando os espaços de terra explorados e causando danos ao meio natural, contrapondo a tudo que o campesino praticava, além de lhes tirar da luta por terra, mas é através dessas oportunidades que eles estão se constituindo enquanto sujeitos.

O ser jovem no campo

A juventude tem sido concebida como uma fase de transformações, na qual se espera mudanças para lidar com os desafios e responsabilidades da vida futura, por conseguinte, a sua inserção social. Inseridos nesse contexto de falta de suportes e oportunidades o que se esperar desses jovens? Sabemos que muitos deles logo cedo assumem responsabilidades que supostamente seriam de adultos, para as quais deveriam estar sendo preparados para o exercício.

Para Martins (2007, p. 239):

A concepção mais comum dada à juventude é aquela que a considera como uma fase de vida, um período no qual se processam transformações importantes na vida dos indivíduos. É também considerada a faixa etária em que os indivíduos estariam mais propensos a mudanças e desafios e, portanto, mais próximos de comportamentos rebeldes e perigosos.

Como bem nos evidencia a autora acima citada, percebemos a vulnerabilidade dos indivíduos do campo aos perigos que os impeçam de se preparar para a vida futura, e nesses casos é comum tomarmos como parâmetros positivos as experiências das gerações passadas e querer que os jovens reproduzam os mesmos atos; esquecemos nesse momento, sua história, cultura, lugar, ou seja, a realidade vivida

por cada um, bem como o seu poder de decisão. Parece esquecermos que, mesmo vivendo em espaços semelhantes, os indivíduos podem ter experiências diferentes e assim divergirem de comportamentos o que poderíamos aqui conceituar de diversas juventudes, o que torna ainda mais complicado estabelecer conceitos sobre eles e atitudes esperadas pelos mesmos. Como pontua Abramo (1997, p. 29):

Como a juventude é pensada como um processo de desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajustes aos papéis adultos, são as falhas nesse desenvolvimento e ajuste que se constituem em temas de preocupação social. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como “problema”: como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social.

Diante desta reflexão nos incursiona a pensar os jovens como sujeitos de direitos e de oportunidades, na garantia desta formação e a quem compete às mesmas. Não cabe aqui atribuir-lhes culpas pelos desvios de comportamentos esperados, uma vez que, como a autora nos revela que são as falhas nesse desenvolvimento de ações e ajustes que devem estar em evidencia e precisam ser corrigidas para que não continuemos a ver os jovens como “perigosos para a sociedade, como delinquentes, desocupados e rebeldes.” (ABRAMO, 1997, p. 29)

Ainda de acordo com a autora supracitada, os jovens, sejam eles da cidade ou do campo, que já exercem atividades laborais, não seriam considerados jovens visto que nessa etapa da vida deveriam estar dispensando seus “tempos nos estudos e preparação”, ao invés de estarem exercendo atividades de adultos. (ABRAMO, 1997, p. 29) Observamos aí algumas desigualdades e diferenças nas possibilidades de vida e desenvolvimento entre os jovens, onde os não trabalhadores teriam mais tempo para se dedicarem aos seus processos de formação, e, os jovens trabalhadores por suas vezes tempos menores. A esse respeito vejamos o que nos revela Martins:

Ora, se a juventude se define como um período de moratória social, então seriam jovens somente aqueles que pudessem nesse período de sua vida se dedicar apenas aos estudos. Os jovens das classes trabalhadoras do campo e da cidade já envolvidos com as atividades vinculadas ao trabalho, provavelmente não seriam considerados jovens, tendo que assumir as responsabilidades adultas desde cedo. Portanto, o “tempo de preparação”, “tempo de estudo” para esses jovens inexistiria ou existiria parcialmente, pois teria que ser dividido com o trabalho. (MARTINS, 2014, p. 241)

No campo, os sujeitos começam a sua vida trabalhista logo cedo, e de um modo geral, tudo, acontecia em torno da família. Como nos relata um aluno, “aqui é muito bom desde cedo à gente aprende a trabalhar”. (JOÃO, 16 anos, roda de conversa, 2019) Essa afirmativa vem corroborar com a discussão e mostrar que as oportunidades para os indivíduos do campo acabam sendo limitadas. Eles apontam

também que pela falta de tempo disponível, por terem que ajudar na lida da terra e/ou com os trabalhos domésticos, estes perdem a chance de viver a juventude. Ainda assim, eles se dividem entre o ficar e o sair do campo, um conflito presente em muitas falas da roda de conversa. Conforme nos relataram os jovens interlocutores da pesquisa,

Ser morador da zona rural é um privilégio para todos nós, vivemos longe de barulhos e de poluição. Em outros tempos era motivo de vergonha, pois as famílias levavam uma vida de trabalho árduo, de sol a sol, lavrando a terra, plantando e colhendo para poder ter o pão de cada dia, era muito difícil, eu mesmo que não quero mais isso. (DAVID, 15 anos, roda de conversa, 2019)

A vida é um pouco diferente aqui na roça porque nós adolescentes não temos muita opção de escolhas de nada, o jeito é ir embora. (RAMON, 15 anos, roda de conversa, 2019)

Essas falas nos revelam uma insatisfação com as dificuldades que a vida lhes oferece, mesmo um deles confessando ser um privilégio morar na zona rural. Mostra o quão é difícil para as pessoas do campo, suprirem suas necessidades, e a obrigação de estarem todos os dias na lida, a fim de assegurar o sustento familiar. Percebemos também que o trabalho não é apenas de uma pessoa, em especial o pai, e sim de todos os membros da família. E que, ainda hoje, sofrem pela falta de melhores condições de vida, com isso grande parte dos jovens têm baixa perspectiva de crescimento e sucesso na zona rural.

Um fato que nos chamou a atenção é que os jovens do campo têm iniciado sua vida sexual e amorosa de forma precoce, sem estarem preparados física e emocionalmente para isso. Como nos relata a aluna à estudante Simone, “preferi me casar logo cedo para me libertar”. (SIMONE, 22 anos, roda de conversa, 2019). Com esta provocação nos argüimos de qual libertação estaria sendo exposta nesse momento, uma vez que dentro de um relacionamento matrimonial, muitas outras obrigações aparecerão, e mais uma vez os jovens podem não estar preparados para assumir esta nova situação apresentada.

Hoje há um distanciamento familiar, as relações passam a ser construídas em outros espaços, individualmente, com outras experiências, outras pessoas e sem muitos vínculos, tornando-as fluidas. Neste contexto, as maneiras e as formas de viver dos jovens do campo tem sofrido modificações nos últimos tempos, muitos não querem mais sobreviver da lida com a terra. Com isso buscam trabalhos informais que lhes garantam o sustento até adquirir um emprego que lhes deem melhores condições de vida.

Um fator bastante questionado pelos jovens interlocutores com a pesquisa é a questão do lazer. São poucas as formas de entretenimento existentes, geralmente buscam diversões na cidade ou aguardam os momentos festivos do lugarejo. Em

seus relatos pontuam que:

Minha casa é meu lazer! Moro longe de todo mundo, fico muito feliz quando tem cavalgadas, culto e festas evangélicas. (CAMILA, 13 anos, roda de conversa, 2019)

Gosto muito da segurança e da paz que temos aqui. Mas quando chega o final de semana não tem nada para ser feito. Tenho dificuldades para me divertir. (SUZY, 15 anos, roda de conversa, 2019)

São poucas as formas de lazer. O bom é as festas tradicionais que temos, nos divertimos e esperamos o ano todo. (PATY, X14 anos, roda de conversa, 2019)

Como podemos perceber a falta de espaços e momentos de lazer é um dos fatores desestimulantes para o jovem, o que se torna mais uma razão para estes pensarem em buscar uma opção de vida melhor em outros lugares. Embora isso pareça contraditório, os jovens do campo afirmam gostar do lugar onde moram. A interação entre eles se dá de forma receptiva e cooperativa.

Apesar de ainda existir o conceito estereotipado, uma representação social das pessoas que vivem no campo, como atrasados e ignorantes, assim como as pessoas da cidade, eles estão conectados com o mundo moderno. No que diz respeito à cultura os jovens do campo são bastante orgulhosos das manifestações culturais dos lugares onde moram. Participam efetivamente das festividades, que, geralmente, são esperadas com muita expectativa.

A educação como processo formativo dos jovens do campo

A educação é outro fator que tem melhorado apesar de ainda serem muito pequenos os números de alunos que concluem o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Hoje já existe um percentual expressivo de jovens concluindo esses percursos estudantis, o que vem rompendo com aquele velho conceito de que o homem do campo não precisava de conhecimento para trabalhar com a terra. Podemos comprovar isso com a observação e análise nos dados do IBGE (2000 e 2010):

Divisões Territoriais	15 a 29 anos, 2010	15 a 29 anos, 2000
Brasil	2,8	5,8
Brasil – Rural	7,6	15,3

Tabela - Taxa de analfabetismo (%)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Os dados acima nos revelam que o percentual da população de analfabetos no Brasil diminuiu em 3% de uma pesquisa para outra. E que o percentual da população de analfabetos no Brasil – Rural diminuiu em 7,7 %. Isso nos comprova que a

população está buscando um nível de instrução melhor ao longo dos tempos. Vale ressaltar que os dados acima apurados já sofreram alterações e o próximo censo irá acontecer somente em 2020.

Hoje o jovem carece de conhecimento e estão buscando cada vez mais, ainda que seja longe de sua cidade. O PRONACAMPO foi uma política pública criada com o objetivo de aumentar o acesso à educação ao jovem do campo. Com ela foi criada o Programa do Livro Didático do Campo (PNLD campo), Mais Educação, Escola da Terra, PRONATEC, e a oferta do transporte escolar; os quais foram grandes incentivos para que esses indivíduos dessem continuidade a suas carreiras estudantis.

As modificações na dinâmica da vida no campo repercutem na formação e na condução de vida dos jovens que nele vive. Por esse motivo, faz-se necessário buscar estratégias para ajudar esses jovens em sua formação. De acordo com a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), no Diagnóstico da Juventude Rural, muito precisa ser feito e algumas providências já estão sendo tomadas, a exemplo da pesquisa diagnóstica sobre as condições da população jovem residente de áreas rurais no Brasil, que, segundo a referida secretaria, “servirá para embasar o planejamento e a elaboração de ações, projetos e programas específicos para melhorar a vida desses jovens.” (BRASIL, 2018, p. 139) Essa atividade ainda está em andamento, mas acredita-se que com a finalização dessa pesquisa, novas políticas públicas sejam criadas para garantir o desenvolvimento da população jovem da zona rural. Uma vez que são urgentes ações e projetos que contribuam para melhoria na qualidade de vida das pessoas do campo.

Apesar de hoje os índices dos jovens do campo frequentando a escola serem bem maior que no passado, mesmo assim, muitos ainda têm dificuldades de concluir o ensino fundamental, e alguns nem mesmo concluem o ensino médio. A busca pela formação superior também tem aumentado, mas devido ao fator econômico, muitos fazem cursos que lhes deem a condição de pagamentos das mensalidades, muitas vezes fora de suas aptidões e desejos. E isso está também correlacionado com a qualidade da educação que lhes vem sendo ofertada na zona rural, que não lhes propicia condições de pleitearem uma vaga em universidades públicas, devido à grande concorrência pelas vagas. Ressaltando que à oferta do ensino médio e do ensino superior são sempre na cidade.

O fechamento de algumas escolas na zona rural e a necessidade de manter os custos desse deslocamento os afasta do desejo de prosseguir estudando. Muitos são levados a se lançar no mercado de trabalho informal, deixando de lado esse desejo que, certamente, os possibilitaria a outra oportunidade de melhora nas condições de vida. A falta de incentivos bem como de condições de prosseguirem nos estudos os limitam no desenvolvimento intelectual e, por conseguinte, em ascenderem social e economicamente.

Para Bertrand (2018) vamos melhor compreender quem são estes jovens da zona rural analisando as suas relações e vivências com o lugar onde eles vivem. Acrescenta ainda que:

A percepção dos jovens acerca do lugar onde vivem representa uma referência importante para a compreensão do tipo de relação estabelecida entre eles e seu principal campo de relações humanas. É relacionando-se com o seu lugar que o jovem encontra referências importantes para a construção de sua identidade, e de seu modo de vida. (BERTRAND, 2018, p. 133).

Estes indivíduos são pessoas que vislumbram por momentos de socialização, lazer e diversão, conhecimento e educação, através dos quais terão oportunidades de desenvolver novas habilidades e competências para a vida. Momentos estes que acontecem nas praças, escolas, igrejas, bares existentes nos pequenos lugarejos ou nos lugares próximos de suas residências, para aqueles que não moram na sede de seus distritos. E alguns deixam de desfrutar desses eventos: pela distância e falta de acesso, por serem vetados pelos pais, por precauções e até mesmo por medo da violência e a influência do tráfico de drogas, que vem aumentando assustadoramente, na zona rural, mesmo considerando que a vida na zona rural seja tranquila e mais segura. E assim o seu perfil juvenil, a formação de sua identidade, a construção do seu modo de viver, e a relação com o seu mundo estão comprometidos.

Os jovens do campo, como todo ser humano, são influenciados e caracterizados pelos seus fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais. E deste modo determinar quem são esses indivíduos, ou até mesmo quem eles serão, vai depender das relações que veem estabelecendo com a vida que lhes é oferecida e das experiências adquiridas em suas relações com a família, o lugar, com os amigos, com a escola, a religião, e com o tempo de cada um, em fim com todo espaço de convivência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ora apresentada, a partir dos dados analisados, nos leva a compreensão de como os jovens do campo se reconhecem nesse espaço. Fica transparente a visão que se têm do campo hoje, assim como as vantagens e desvantagens de permanecer ou não morando ali. A realidade vivida por esses sujeitos tem se tornado um grande desafio para os mesmos, o que requer união para lutarem por soluções para suas necessidades e desejos. Verificamos que nas últimas décadas foram bastante intensificadas as lutas por melhoria das condições de vida no campo, o que desencadeou a criação de ações e novas políticas públicas para o campo, contudo estas precisam efetivamente chegar a todos os lugares.

A partir desse enfoque, é possível perceber que a falta de possibilidades e as

dificuldades apresentadas, poderão atravancar a construção de um sentido para vida pelos jovens e adolescentes da zona rural, visto que estes, também, no seu papel de humano, associam o seu desenvolvimento a tudo e a todos ao seu redor. É nesse caminhar que buscamos compreender quem são esses indivíduos!

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5 e 6, p. 26-37, 1997.

BARCELLOS, Sérgio Botton. As políticas públicas para a juventude rural: o Pronaf jovem em debate. **Planejamento e políticas públicas**, n. 48, p. 149-173, jan./jun. 2017.

BERTRAND, Michèle: Da Experiência ao sentido de vida. In: RAMOS, Renata Fomelos d’Azevedo (org.). **Juventude da periferia: do estigma ao modo de vida**. Curitiba: Appris, 2018.

BRASIL, Secretaria de Governo. **Os Avanços da Política Nacional de Juventude – 2017/2018**. Brasília: Imprensa Nacional, 2018. Brasil, Secretaria Nacional de Juventude. Disponível em: SNJ_avançosdapolíticanacionaldejuventude_2018%20(3).pdf c Acesso em: 20/08/2019.

IBGE, em <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0R&cat=-1,-2,45,46,47,48,128&ind=4699>

MARTINS, S. A. Juventude e juventude do campo: algumas considerações. **Revista Faz Ciência**, v. 9, n. 9, p. 237-256, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NETO, Antonio Júlio de Menezes. **Formação de professores para a educação do campo: projetos sociais em disputa**. In: ROCHA, Maria Isabel Antunes & MARTINS, Aracy Alves (orgs.). Educação do Campo: desafios para formação de professores. 2. Ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015. – (Coleção caminhos da Educação do Campo; 1)

OLIVEIRA, Luciano Benini de; RABELLO, Diógenes; FELICIANO, Carlos Alberto. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. **Revista Pegada**, v. 15, n. 1, p. 136-150, julho, 2014.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: Edufba, 2011.

TEIXEIRA, Mariana Lozzi; BASTOS, Samuel Jonathan de Lima. **Conheça o Sinajuve: SINAJUVE: Sistema Nacional de Juventude/ Secretaria Nacional da Juventude; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. Brasília: Ibict, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 127, 175, 237, 324, 326, 327, 328, 329, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Ambientes virtuais 131, 133, 140, 167, 174

Analogias 113, 114, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 277

Átomos 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 126, 127

B

Brinquedo 158, 161, 162, 164, 294

C

Capitalismo 12, 67, 95, 99, 101

Cartografia 54, 56, 57, 62, 65, 67

Criança 1, 2, 3, 4, 6, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 68, 69, 70, 72, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 111, 112, 133, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 184, 200, 203, 204, 205, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 295, 299, 305, 306, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337

D

Desenvolvimento profissional 129, 301

E

Educação a distância 15, 113, 134, 141, 142, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 177, 273, 274, 285

Educação de qualidade 9, 26, 28, 49

Educação inclusiva adaptação curricular 21

Educação infantil 4, 14, 46, 69, 70, 71, 73, 74, 78, 158, 159, 160, 165, 166

Educação profissional 143, 144, 145, 146, 147, 148, 155, 156, 157, 237, 314, 322, 323

Ensino de química 113, 117, 118, 127, 128, 263, 267, 268, 269, 270, 272

Escrita 12, 13, 16, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 110, 120, 135, 151, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Estágios morais 95, 101, 102, 103

Estratégia 3, 4, 7, 8, 53, 117, 167, 214, 236, 320

Exclusão 45, 99, 101, 104, 105, 110, 184, 189, 198, 221, 229, 326, 327

F

Formação de professores 32, 43, 48, 143, 144, 146, 147, 148, 152, 154, 155, 156, 157, 185, 252, 284, 285, 301, 305, 306, 311

Formação em serviço 9, 11, 16, 17

G

Gênero 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 191, 217

Gestão democrática 75, 76, 77, 84, 85, 89, 94

I

Inclusão 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 49, 80, 99, 105, 106, 121, 155, 184, 196, 203, 210, 221, 230, 237, 241, 267, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 309

Infância 8, 12, 22, 37, 63, 67, 68, 95, 96, 97, 98, 100, 104, 159, 166, 240, 289

L

Leitura 11, 12, 25, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 76, 83, 89, 107, 110, 121, 122, 137, 146, 211, 212, 217, 223, 257, 278, 324, 329, 330, 333, 334, 335, 336

Letramento 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 324, 326, 327, 329, 331

Linearidade 75, 85, 88

M

Mídias sociais 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Modelo quântico 113, 119, 122

P

Paulo Freire 36, 69, 70, 71, 109, 276

Pesquisas em educação e artes 54

Planejamento escolar 28, 75

Políticas de formação continuada 9

Políticas públicas 1, 11, 12, 15, 16, 32, 105, 169, 184, 185, 189, 191, 195, 198, 226, 230, 240, 250, 251, 252, 264, 270, 271, 315, 318, 319

Práticas de uso 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Práticas docentes 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 150, 283

Professora – tia 69

R

Regimento escolar 75, 77

S

Saúde na escola 1, 3, 4, 6, 7

T

Tecnológica 78, 93, 127, 143, 144, 145, 146, 147, 156, 157, 254, 262, 265, 266, 269, 276, 314, 315, 317, 323

Transtorno do espectro autista 20, 21, 22, 23, 33, 286, 287, 288

 **Atena**
Editora

2 0 2 0